

OS DEUSES DE CASACA*

COMÉDIA

POR

MACHADO DE ASSIS

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DC1866, TMA1910 (p. 169-222), TWMJ1952 (p. 185-235), TCSNT1982 (p. 193-225), TJRF2003 (p. 365-421) e OCA2015 (v. 3, p. 952-973). Texto-base: DC1866. Na série das edições W. M. Jackson, iniciada em 1937, temos usado, sempre que possível, as edições de 1937 (primeira) e a primeira edição revista na década de 1950. No caso do teatro, a revisão, a cargo de Henrique de Campos, foi feita na edição de 1952, razão pela qual a cotejamos com as demais. Em OCA2015, as falas de todos os personagens começam alinhadas à esquerda, desfazendo a necessária disposição das palavras em versos alexandrinos e dando a impressão de que a peça se compõe de trechos versificados e trechos em prosa. A lista das abreviaturas utilizadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Revisores: José Américo Miranda e Nilton de Paiva Pinto.

A

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

Dedica este livrinho

O AUTOR.

O autor desta comédia julga-se dispensado de entrar em explanações literárias a propósito de uma obra tão desambiciosa. Quer, sim, explicar o como ela nasceu,¹ e o seu pensamento ao escrevê-la. Foi há mais de um ano, quando alguns cavalheiros davam uns saraus literários, na rua da Quitanda, que o autor, convidado a contribuir para essas festas, escreveu os *Deuses de Casaca*.² Até então era o seu talentoso amigo Ernesto Cibrão quem escrevia as peças que ali se representavam. Um desastre público³ impediu a exibição dos *Deuses de Casaca*⁴ naquela época, e em boa hora veio o desastre (egoísmo de⁵ autor!), porque a comédia, relida e examinada, sofreu correções e acréscimos,⁶ até ficar aquilo que foi habilmente representado no sarau da Arcádia Fluminense,⁷ em 28 de dezembro⁸ findo, pelos mesmos cavalheiros⁹ dos antigos saraus, *arcades omnes*.¹⁰

Que ela ficasse completa, não ousa dizê-lo o autor; mas ao menos está consignada a sua boa vontade.

¹ nasceu,] nasceu – em TMA1910 e em TWMJ1952.

² os *Deuses de Casaca*.] *Os Deuses de casaca*. – em TWMJ1952; *Os deuses de casaca*. – em TJRF2003 e em OCA2015.

³ Raimundo Magalhães Júnior esclarece: “Referia-se a um fato sabido de todos no início de 1866 (datou o prefácio de 1.º de janeiro desse ano): o violento temporal, acompanhado de granizo, que quebrou as vidraças e os lampiões da iluminação pública, inundando a cidade e deixando-a às escuras.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 1, p. 158-159)

⁴ dos *Deuses de Casaca*] dos *Deuses de casaca* – em TWMJ1952; de *Os deuses de casaca* – em TJRF2003 e em OCA2015.

⁵ de] do – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁶ correções e acréscimos,] correções, acréscimos, – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁷ A Arcádia Fluminense foi fundada por José Feliciano de Castilho, em 15 de setembro de 1865, por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Bocage. Em sua terceira reunião, em 28 de dezembro de 1865, é que foi representada a comédia *Os deuses de casaca*. (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 1, p. 159)

⁸ dezembro] Dezembro – em DC1866 e em TMA1910. Adotamos a inicial minúscula nos nomes dos meses, conforme a norma atual.

⁹ Os cavalheiros que representaram os personagens da peça “Quase ministro”, de Machado de Assis, num desses saraus, em 22 de novembro de 1862, foram: Morais Tavares, Manuel de Melo, Ernesto Cibrão, Bento Marques, Insley Pacheco, Artur Napoleão, Muniz Barreto e Carlos Schramm. (Cf. ASSIS, 1910, p. 127)

¹⁰ *arcades omnes*: todos árcades.

Uma das condições impostas ao autor desta comédia, e ao autor do *Luís*,¹¹ era que nas peças não entrassem senhoras. Daqui vem que o autor não pôde, como lhe pedia o assunto, fazer intervir as deusas do Olimpo no debate e na deserção dos seus pares. Os que conhecem estas cousas avaliarão a dificuldade de escrever uma comédia sem damas. Era menos difícil a Garrett e a Voltaire, pondo em ação as virtudes romanas e as lutas civis da república, dispensar o elemento feminino.¹² Mas uma comédia sem damas para entreter os convivas de uma noite, cujos limites eram uma variação de piano e o serviço do chá,¹³ é cousa mais fácil de ler que de fazer.

O autor não quis zombar dos deuses, não quis fazer rir os espectadores à custa dos antigos habitantes do Olimpo. Esta declaração é necessária para avisar aqueles que, dando ao título da comédia uma errada interpretação, cuidarem que vão ler um quadro burlesco, à moda do *Virgile travesti* de Scarron.¹⁴

Uma crítica anódina, uma sátira inocente, uma observação mais ou menos picante, tudo no ponto de vista dos deuses, uma ação simplicíssima, quase nula, travada em curtos diálogos, eis o que é esta comédia.¹⁵

O autor fez falar os seus deuses em verso alexandrino:¹⁶ era o mais próprio.¹⁷

Tem este verso alexandrino seus adversários, mesmo entre os homens de gosto, mas é de crer que venha a ser finalmente estimado e cultivado por todas as musas brasileiras e portuguesas.¹⁸ Será essa a vitória dos esforços empregados pelo ilustre autor das *Epístolas à Imperatriz*,¹⁹ que tão paciente e luzidamente tem naturalizado o verso alexandrino na língua de Garrett e de Gonzaga.

¹¹ *Luís* foi o primeiro drama de Ernesto Cibrão (1836-?), poeta e dramaturgo nascido em Portugal, mas residente no Rio de Janeiro. A peça foi representada no teatro Ginásio Dramático, em 1859. (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 176) Machado de Assis menciona a peça na Revista de Teatros, publicada em *O Espelho*, no dia 13 de novembro de 1859. (Cf. ASSIS, 1955, p. 95)

¹² Almeida Garrett é autor de *Catão*, e Voltaire, de *La mort de César*: nenhuma dessas peças tem personagens femininas. (Cf. GARRETT, 1963, v. II, p. 1607-1781; VOLTAIRE, 1767, p. 1-72)

¹³ do chá,] de chá, – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹⁴ Em OCA2015, não se abre novo parágrafo neste ponto. O *Virgile travesti* (1648-1653), de Paul Scarron (1610-1660), é uma paródia da *Eneida*, de Virgílio, em versos burlescos, octossílabos. (Cf. SCARRON, s.d.)

¹⁵ Em OCA2015, não se abre novo parágrafo neste ponto.

¹⁶ em verso alexandrino:] em versos alexandrinos: – em TWMJ1952.

¹⁷ Em OCA2015, não se abre novo parágrafo neste ponto.

¹⁸ Em DC1866 falta este ponto-final.

¹⁹ Antônio Feliciano de Castilho escreveu duas epístolas, ambas em versos alexandrinos, à imperatriz do Brasil, d. Teresa Cristina: a primeira, em 3 de abril de 1855, ocasião em que ele se encontrava no Rio de Janeiro, intercedendo por um português idoso que se encontrava preso no Rio Grande do Sul, acusado de homicídio; a segunda, em 10 de agosto de 1857, em agradecimento pela intercessão da imperatriz, à qual atribuiu a libertação do preso. (Cf. CASTILHO, 1856; CASTILHO, 1863, p. 33-55)

O autor teve a fortuna de ver os seus *Versos a Corina*, escritos naquela forma, bem recebidos pelos entendedores.²⁰

Se os alexandrinos desta comédia tiverem²¹ igual fortuna, será essa a verdadeira recompensa para quem procura empregar nos seus trabalhos a consciência e a meditação.²²

Rio, 1º de janeiro²³ de 1866.

²⁰ Em OCA2015, não se abre novo parágrafo neste ponto. O poema “Versos a Corina”, publicado por Machado de Assis em 1864, foi incluído em *Crisálidas* no mesmo ano. O poema é relativamente longo, tem seis partes, e não é composto exclusivamente em versos alexandrinos, mas em diversos metros: nele há trechos em alexandrinos, em decassílabos, em heptassílabos e em hexassílabos.

²¹ tiverem] tiverem, – em DC1866, em TCSNT1982. A supressão da vírgula nos pareceu correta.

²² Tendo esta comédia, depois de publicada, chegado ao conhecimento de Antônio Feliciano de Castilho, que era irmão de José Feliciano de Castilho, a quem ela está dedicada, enviou o poeta português a Machado de Assis um exemplar de sua tradução das *Geórgicas*, de Virgílio, com a seguinte dedicatória: “Ao Príncipe dos Alexandrinos, Ao Autor dos Deuses de Casaca, a J. M. Machado d’Assis, A. Castilho” (assinatura do próprio punho, apesar de cego). (EXPOSIÇÃO Machado de Assis, 1939, p. 41)

²³ janeiro] Janeiro – em DC1866 e em TMA1910. Adotamos a inicial minúscula nos nomes dos meses, conforme a norma atual.

OS DEUSES DE CASACA

PERSONAGENS

PRÓLOGO

EPÍLOGO

JÚPITER

MARTE

APOLO

PROTEU

CUPIDO

VULCANO

MERCÚRIO

OS DEUSES DE CASACA²⁴

ATO ÚNICO

Uma sala, mobiliada²⁵ com elegância e gosto; alguns quadros mitológicos. Sobre um consolo²⁶ garrafas com vinho,²⁷ e cálices.

PRÓLOGO, *entrando*.²⁸

Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado
Venho hoje do que fui. Não apareço ornado
Do antigo borzeguim, nem da clâmide antiga.
Não sou feio. Qualquer deitar-me-ia uma figa.
5 Nem velho. Do auditório alguma ilustre dama,
Valsista consumada, aumentaria a fama,
Se comigo fizesse as voltas de uma valsa.
Sou o Prólogo novo. O meu pé já não calça
O antigo borzeguim, mas tem obra mais fina: →

²⁴ Em DC1866, os títulos, as designações de ato e de cena e os nomes dos personagens, em cada fala e na lista inicial, são seguidos de ponto-final. Em TMA1910, foi omitida essa pontuação, mas conservado o ponto-final nas indicações iniciais dos nomes dos personagens presentes em cada cena e nas situações em que os nomes dos personagens vêm seguidos de alguma indicação cênica. Em TWMJ1952, toda essa pontuação foi suprimida – há um traço horizontal (uma barra) que marca a separação das cenas uma da outra, mas não o prólogo nem o epílogo – esse é o padrão editorial da W. M. Jackson, seguido em todas as peças reunidas no volume *Teatro*. Esta nossa edição, no tocante a essas pontuações, segue o modelo de TMA1910. Em DC1866, as reticências, ao longo do texto, ora são representadas por três pontos, ora por quatro. Em nossa edição, adotamos sempre três pontos.

²⁵ mobiliada] mobilada – em TWMJ1952.

²⁶ consolo] consolo, – em TMA1910 e em TWMJ1952.

²⁷ vinho,] vinho – em TMA1910 e em TWMJ1952.

²⁸ PRÓLOGO, *entrando*.] PRÓLOGO, *entrando* – em TWMJ1952. Variantes presentes nas indicações cênicas só serão anotadas em TMA1910 e em TWMJ1952, porque são as únicas edições que, no tocante à disposição gráfica dessas indicações, seguem o texto-base.

- 10 Da casa do Campas²⁹ arqueia uma botina.
Não me pende da espádua a clâmide severa,
Mas o flexível corpo, acomodado à era,
Enverga uma casaca, obra do Raunier.³⁰
Um relógio, um grilhão, luvas e *pince-nez*³¹
15 Completam o meu traje.³²

E a peça? A peça é nova.³³

- O poeta, um tanto audaz, quis pôr o engenho à prova.
Em vez de caminhar pela estrada real,
Quis tomar um atalho. Creio que não há mal
Em caminhar no atalho e por nova maneira.
20 Muita gente na estrada ergue muita poeira,
E morrer sufocado é morte de mau gosto.
Foi de ânimo tranquilo e de tranquilo rosto
À nova inspiração buscar caminho azado,
E trazer para a cena um assunto acabado.³⁴

- 25 Para atingir o alvo em tão árdua porfia,
Tinha a realidade e tinha a fantasia.
Dous campos! Qual dos dous? Seria duvidosa
A escolha do poeta? Um é de terra e prosa,³⁵
Outro de alva poesia e murta delicada.
30 Há tanta vida, e luz, e alegria elevada
Neste, como há naquele aborrimento³⁶ e tédio.
O poeta que fez? Tomou um termo médio;
E deu, para fazer uma dualidade,
A destra à fantasia, a sestra à realidade. →

²⁹ Campas: proprietário da loja de sapatos J. Campas e Filho, situada à rua do Ouvidor, n. 77 (em alguns anúncios, o número é 71). Há anúncios em jornais, em busca de sapateiros competentes, capazes de fazer sapatos masculinos e femininos. Há, também, na *Gazeta de Notícias*, de 25 de julho de 1876, p. 4, um anúncio de liquidação, “com abatimento de 30%”, “em consequência da venda do prédio.” (*Gazeta de Notícias*, p. 4, 25 jul. 1876; ver, também *Diário do Rio de Janeiro*, p. 3, 9 mar. 1864; *Jornal do Comércio*, p. 4, 3 fev. 1866; *Jornal do Comércio*, p. 2, 24 dez. 1866) Tudo indica a procedência francesa desse comerciante: no verso, a segunda sílaba de “Campas” é a sexta sílaba (acentuada, portanto).

³⁰ Raunier: um dos grandes alfaiates da época, especializado em roupas masculinas. Uma matéria jornalística, transcrita de *A Notícia*, foi publicada na *Gazeta de Notícias*, de 19 de maio de 1895, anunciando a ampliação da Casa Raunier, a partir de 1º de junho daquele ano, para atender também ao público feminino. (Cf. EDMUNDO, 2009, p. 203; *Gazeta de Notícias*, p. 8, 19 maio, 1895)

³¹ *pince-nez*] pincenê – em OCA2015.

³² Em TWMJ1952, não há aqui separação de estrofes.

³³ Em TCSNT1982 e em TJRF2003, este segundo hemistíquio do verso vem ao final da estrofe anterior; em OCA2015, vem em alto de página (mas sem espaço de separação de estrofes depois dele).

³⁴ Em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015, não há espaço de separação de estrofes depois deste verso.

³⁵ prosa,] prosa. – em OCA2015.

³⁶ aborrimento] aborrecimento – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. Embora ambas as palavras tenham o mesmo sentido, “aborrecimento” acrescenta uma sílaba ao verso, deixando-o com treze sílabas.

35 Com esta viajou pelo éter transparente
Para infundir-lhe um tom mais nobre... e mais decente.
Com aquela, vencendo o invencível pudor,
Foi passear à noite à rua do Ouvidor.

40 Mal que as consorciou com o oposto elemento,
Transformou-se uma e outra. Era o melhor momento
Para levar ao cabo a obra desejada.
Aqui pede perdão a musa envergonhada:
O poeta, apesar de cingir-se à poesia,
Não fez entrar na peça as damas. Que porfia!
45 Que luta sustentou em prol do sexo belo!
Que alma na discussão! que valor! que desvelo!
Mas... era minoria. O contrário passou.
Damas, sem vosso amparo a obra se acabou!

50 Vai começar a peça. É fantástica: um ato,
Sem cordas de surpresa ou vistas de aparato.
Verão do velho Olimpo o pessoal divino
Trajar a prosa chã, falar o alexandrino,
E, de princípio a fim, atar e desatar
Uma intriga pagã.³⁷

55 Calo-me. Vão entrar
Da mundana comédia os divinos atores.
Guardem a profusão de palmas e de flores.
Vou a um lado observar quem melhor se destaca.
A peça tem por nome – OS DEUSES DE CASACA.³⁸

³⁷ Em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015, entre esta linha e a seguinte, não há espaço de separação de estrofes.

³⁸ Observe-se que o título da peça – “Os deuses de casaca” – é um verso hexassílabo. De dois hexassílabos justapostos é que se faz um verso alexandrino.

CENA I

MERCÚRIO *assentado*, JÚPITER *entrando*.³⁹

JÚPITER, *entra, para e presta o ouvido*.⁴⁰

Cuidei ouvir agora a flauta do deus Pã.

MERCÚRIO, *levantando-se*.

60 Flauta! é um violão.

JÚPITER, *indo a ele*.

Mercúrio, esta manhã

Tens correio.

MERCÚRIO

Ainda bem! Eu já tinha receio

De que perdesse até as funções de correio.

Quero ao menos servir aos deuses, meus iguais.

Obrigado, meu pai! – Tu és a flor dos pais,

65 Honra da divindade e nosso último guia!

JÚPITER, *senta-se*.

Faz um calor! – Dá cá um copo de ambrosia

Ou néctar.

MERCÚRIO, *rindo*.

Ambrosia ou néctar!

JÚPITER

É verdade!

São as recordações da nossa divindade.⁴¹

Tempo que já não volta.

³⁹ JÚPITER, *entrando*.] JÚPITER, *entrando* – em TWMJ1952. Em TWMJ1952, as indicações cênicas que vêm adiante dos nomes das personagens, assim como as demais (estas, nunca entre parênteses, em itálico), nunca trazem ponto-final; não anotamos cada caso individualmente (apenas um caso, em que há pontuação, foi anotado).

⁴⁰ *presta o ouvido*.] *presta ouvido*. – em TCSNT1982; *presta ouvido* – em TJRF2003 e em OCA2015. A locução registrada por Laudelino Freire e por Carlos Alberto Macedo Rocha e Carlos Eduardo Pena de M. Rocha tem duas formas: “prestar ouvidos a” e “prestar ouvido a”, respectivamente. O sentido é de “dar atenção a”, “escutar”, “ouvir com toda atenção”. (Cf. FREIRE, 1954, v. IV, p. 4122; ROCHA; ROCHA, 2011, p. 365)

⁴¹ *divindade*.] *divindade*, – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

MERCÚRIO

Há de voltar!⁴²

JÚPITER, *suspirando*.

Talvez.

MERCÚRIO, *oferecendo vinho*.

70 Um cálix de Alicante? Um cálix de Xerez?⁴³

(*Júpiter faz um gesto de indiferença; Mercúrio deita vinho;
Júpiter bebe.*)⁴⁴

JÚPITER

Que tisana!

MERCÚRIO, *deitando para si*.

Há quem chame estes vinhos profanos⁴⁵
Fortuna dos mortais, delícia dos humanos.

(*Bebe e faz uma careta.*)⁴⁶

Trava como água estígia!

JÚPITER

Oh! a cabra Amalteia⁴⁷
Dava leite melhor que este vinho.

MERCÚRIO

Que ideia!

75 Devia ser assim para aleitar-te, pai!

(*Depõe a garrafa e os cálices.*)

⁴² Em TJRF2003, este segmento do verso está alinhado na margem direita da página; portanto, sobreposto a “Talvez” (fala seguinte de Júpiter), que é a palavra final do verso.

⁴³ Um cálix de Alicante? Um cálix de Xerez? Um cálice de Alicante? Um cálice de Xerez? – em OCA2015. Com essa grafia, o verso ganha duas sílabas.

⁴⁴ Em TWMJ1952, estas indicações cênicas intercaladas nas falas dos personagens não vêm entre parênteses. Do mesmo modo, as demais, que não serão anotadas. Uma única exceção foi registrada.

⁴⁵ Em TCSNT1982, a palavra inicial do verso e o início da segunda palavra, embora um pouco deslocadas para a direita, vêm debaixo de “tisana”.

⁴⁶ Em DC1866 e em TMA1910, na maior parte dessas indicações cênicas, o ponto vem fora dos parênteses. Nesta edição eles foram passados para dentro. Há casos em que não há pontuação alguma. Optou-se, nesta edição, pela uniformização, ou seja, todas as indicações foram pontuadas.

⁴⁷ Amalteia] Amalteia. – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

JÚPITER

As cartas aqui estão, Mercúrio. Toma, vai
Em procura de Apolo, e Proteu e Vulcano
E todos. O conselho é pleno e soberano.
É mister discutir, resolver e assentar
80 Nos meios de vencer, nos meios de escalar
O Olimpo...

(Sai Mercúrio.)

CENA II

JÚPITER, *só, continuando a refletir.*

... Tais outrora Encélado e Tifeu⁴⁸

Buscaram contra mim escalá-lo. Correu
O tempo, e eu passei de invadido a invasor!
Lei das compensações! Então, era eu senhor;
85 Tinha o poder nas mãos,⁴⁹ e o universo a meus pés.
Hoje, como um mortal, de revés em revés,
Busco por conquistar o posto soberano.
Bem me dizias, Momo, o coração humano
Devia ter aberta uma porta, por onde
90 Lêssemos, como em livro, o que lá dentro esconde.
Demais, dando juízo ao homem, esqueci-me
De completar a obra e fazê-la sublime.
Que vale esse juízo? Inquieto e vacilante,
Como perdida nau sobre um mar inconstante,
95 O homem sem razão cede nos movimentos
A todas as paixões, como a todos os ventos.
É o escravo da moda e o brinco do capricho.
Presunçoso senhor dos bichos, este bicho
Nem ao menos imita os bichos seus escravos.
100 Sempre do mesmo modo, ó abelha, os teus favos
Distilas.⁵⁰ Sempre o mesmo, ó castor exemplar,⁵¹
Sabes a casa erguer junto às ribas do mar.⁵²
Ainda hoje, empregando as mesmas leis antigas,
Viveis no vosso chão, ó prósidas formigas.⁵³
105 Andorinhas do céu, tendes ainda a missão
De serdes, findo o inverno, as núncias do verão.⁵⁴
Só tu, homem incerto e altivo, não procuras
Da vasta criação estas lições tão puras...
Corres hoje a Paris, como a Atenas outrora;
110 A sombria Cartago é a Londres de agora.⁵⁵
Ah! pudesses tornar ao teu estado antigo!

⁴⁸ Em DC1866 as reticências iniciais deste verso (representadas por quatro pontos) vêm alinhadas à esquerda, com os demais versos.

⁴⁹ mãos,] mãos – em TMA1910 e em TWMJ1952.

⁵⁰ Distilas.] Destilas. – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão *on-line*) traz a forma “distilar”, que, segundo o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, significa o mesmo que “destilar”.

⁵¹ exemplar,] exemplar. – em TCSNT1982.

⁵² mar.] mar! – em TWMJ1952.

⁵³ formigas.] formigas! – em TWJM1952.

⁵⁴ verão.] verão! – em TWMJ1952.

⁵⁵ agora.] agora – em DC1866 e em TMA1910.

CENA III

JÚPITER, MARTE, VULCANO, *os dous de braço*.⁵⁶

VULCANO, *a Júpiter*.

Sou amigo de Marte, e Marte é meu amigo.

JÚPITER

Enfim! Querelas vãs acerca de mulheres
É tempo de esquecer. Crescem outros deveres,
115 Meus filhos. Vênus bela a ambos iludiu.
Foi-se, desapareceu.⁵⁷ Onde está? quem a viu?⁵⁸

MARTE

Vulcano.

JÚPITER

Tu?

VULCANO

É certo.

JÚPITER

Aonde?

VULCANO

Era um salão.

Dava o dono da casa esplêndida função.
Vênus, lânguida e bela, olhos vivos e ardentes,
120 Prestava atento ouvido a uns vãos impertinentes.
Eles em derredor, curvados e submissos, →

⁵⁶ Em DC1866 falta este ponto-final.

⁵⁷ desapareceu.] desapareceu. – em TMA1910; desapareceu. – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão impressa, de 1999, e versão eletrônica atual *on-line*) trazem o verbo “desaparecer”.

⁵⁸ Tomás Antônio Gonzaga dedicou uma estrofe da Lira III (da primeira parte de *Marília de Dirceu*), lira n. 25 (numeração de Rodrigues Lapa), a esse episódio da mitologia: “Cupido entrou no céu. O grande Jove / uma vez se mudou em chuva de ouro; / outras vezes tomou as várias formas / de general de Tebas, velha e touro. / O próprio deus da guerra, desumano, / não viveu de amor ileso; / quis a Vênus e foi preso / na rede, que lhe armou o deus Vulcano.” (Cf. GONZAGA, 1953, p. 12-13; GONZAGA, 1957, p. 45) Adotamos a redação de Lapa.

Faziam circular uns ditos já cediços,⁵⁹
E, cortando entre si as respectivas⁶⁰ peles,
Eles riam-se dela, ela ria-se deles.
125 Não era, não, meu pai, a deusa enamorada
Do nosso tempo antigo:⁶¹ estava transformada.
Já não tinha o esplendor da suprema beleza
Que a tornava modelo à arte e à natureza.
Foi nua, agora não. A beleza profana
130 Busca apurar-se ainda a favor da arte humana.
Enfim, a mãe de amor⁶² era da espuma filha,
Hoje Vênus, meu pai, nasce... mas da escumilha.

JÚPITER

Que desonra!⁶³

(*A Marte.*)⁶⁴

E Cupido?

VULCANO

Oh! esse...

MARTE

Fui achá-lo⁶⁵

Regateando há pouco o preço de um cavalo.
135 As patas de um cavalo em vez de asas velozes!
Chibata em vez de seta! – Oh⁶⁶ mudanças atrozes!
Té o nome, meu pai, mudou o tal birbante;
Cupido já não é; agora é... um elegante!

JÚPITER

Traidores!

⁵⁹ cediços,] sedícios, – em TCSNT1982.

⁶⁰ respectivas] respectives – em TMA1910.

⁶¹ antigo:] antigo; – em TWMJ1952.

⁶² amor] Amor – em TWMJ1952.

⁶³ Que desonra!] Que desonra. – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁶⁴ (*A Marte.*)] (*A Marte*) – em DC1866; (*A Marte*). – em TMA1910; *a Marte* – em TWMJ1952.

⁶⁵ Em TCSNT1982, entre esta linha e o verso seguinte há espaço de separação de estrofes. Nessa edição, quando a fala do personagem não começa alinhada à esquerda, há sempre, abaixo da primeira linha, um espacejamento maior do que o espaço interlinear normal, às vezes discreto, às vezes chegando à dimensão de um espaço de separação de estrofes. Não anotamos esses casos, por nos parecer uma contingência gráfica.

⁶⁶ Oh] Oh! – em TCSNT1982, TJRF2003 e em OCA2015.

VULCANO

Foi melhor ter-nos desenganado:
140 Dos fracos não carece o Olimpo.

MARTE

Desgraçado
Daquele que assim foge às lutas e à conquista!

JÚPITER, *a Marte*.

Que tens feito?

MARTE

Oh! por mim, ando agora na pista
De um congresso geral. Quero, com fogo e arte,
Mostrar que sou ainda aquele antigo Marte⁶⁷
145 Que as guerras inspirou de Aquiles e de Heitor.
Mas, por agora nada! – É desanimador
O estado deste mundo. A guerra, o meu ofício,
É o último caso; antes vem o artifício.
Diplomacia é o nome; a cousa é o mútuo engano.
150 Matam-se, mas depois de um labutar insano;
Discutem, gastam tempo, e cuidado e talento:⁶⁸
O talento e o cuidado é ter astúcia e tento.
Sente-se que isto é preto, e diz-se que isto é branco:
A tolice no caso é falar claro e franco.
155 Quero falar de um gato? O nome bastaria.
Não, senhor; outro modo usa a diplomacia.
Começa por falar de um animal de casa,
Preto ou branco, e sem bico, e sem crista e sem asa,
Usando quatro pés. Vai a nota. O arguido
160 Não hesita, responde: “O bicho é conhecido,
É um gato.” “Não senhor, diz o arguente: é um cão.”

JÚPITER

Tens razão, filho, tens!

VULCANO

Carradas de razão!

⁶⁷ Marte] marte – em TMA1910.

⁶⁸ talento:] talento; – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

MARTE

Que acontece daqui? É que nesta Babel
Reina em todos e em tudo uma cousa – o papel.
165 É esta a base, o meio e o fim. O grande rei
É o papel. Não há outra força, outra lei.
A fortuna o que é? Papel ao portador;
A honra é de papel; é de papel o amor.
O valor não é já aquele ardor aceso:⁶⁹
170 Tem duas divisões – é de almaço ou de peso.⁷⁰
Enfim, por completar esta horrível Babel,
A moral de papel faz guerra de papel.

VULCANO

Se a guerra neste tempo é de peso ou de almaço,
Mudo de profissão: vou fazer penas de aço!

⁶⁹ aceso:] aceso; – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁷⁰ Papel de peso: papel muito fino para correspondência com terras estrangeiras onde o porte das cartas é pago a peso. (CONSTÂNCIO, 1877)

CENA IV

OS MESMOS, CUPIDO.

CUPIDO, *da porta*.

175 É possível entrar?

JÚPITER, *a Marte*.

Vai ver quem é.

MARTE

Cupido!⁷¹

CUPIDO, *a Júpiter*.

Caro avô, como estás?

JÚPITER

Voltas arrependido?

CUPIDO

Não; venho despedir-me. Adeus.⁷²

MARTE

Vai-te, insolente.⁷³

CUPIDO

Meu pai!...

MARTE

Cala-te!

CUPIDO

Ah! não! Um conselho prudente:

Deixai a divindade e fazei como eu fiz.

180 Sois deuses? Muito bem. Mas, que vale isso? Eu quis
Dar-vos este conselho; é de amigo.

⁷¹ Cupido!] Cupido. – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁷² Adeus.] Adeus! – em TWMJ1952.

⁷³ insolente.] insolente! – em TWMJ1952.

MARTE⁷⁴

É de ingrato.⁷⁵

Do mundo fascinou-te o rumor, o aparato.
Vai, espírito vão! – Antes deus na humildade,
Do que homem na opulência.

CUPIDO

É fresca a divindade!

JÚPITER

185 Custa-nos caro, é certo: a dor, a mágoa, a afronta,
O desespero e o dó.

CUPIDO

A minha é mais em conta.

VULCANO

Onde a compras agora?

CUPIDO

Em casa do alfaiate;
Sou divino conforme a moda.

VULCANO

E o disparate.

CUPIDO

Venero o teu despeito, ó Vulcano!

MARTE

Venera

190 O nosso ódio supremo e divino...

CUPIDO

Quimera!

⁷⁴ MARTE] JÚPITER – em DC1866, em TMA1910 e em TWMJ1952. Sobre TCSNT1982, ver a nota seguinte. Em nosso entendimento, a fala é mesmo de Marte; a primeira edição a fazer essa correção foi TJRF2003.

⁷⁵ É de ingrato.] É de ingrato! – em TWMJ1952. Em TCSNT1982, toda esta fala de Marte é atribuída a Cupido, continuando a anterior.

MARTE

... Da nossa divindade o nome e as tradições,
A lembrança do Olimpo e a vitória...

CUPIDO

Ilusões!

MARTE

Ilusões!

CUPIDO

Terra a terra ando agora. Homem sou;
Da minha divindade o tempo já findou.
195 Mas, que compensações achei no novo estado!
Sou, onde quer que vá, pedido e requestado.
Vêm quebrar-se a meus pés os olhares das damas;
Cada gesto que faço ateia imensas chamas.
Sou o encanto da rua e a vida dos salões,
200 O alfenim⁷⁶ procurado, o ímã dos balões,
O perfume melhor da *toilette*,⁷⁷ o elixir
Dos amores que vão, dos amores por vir;
Procuram agradar-me a feia, como a bela;
Sou o sonho querido e doce da donzela,
205 O encanto da casada, a ilusão da viúva.
A chibata, a luneta, a bota, a capa e a luva
Não são enfeites vãos: suprem o arco e a seta.
Seta e arco são hoje imagens de poeta.
Isto sou. Vede lá se este esbelto rapaz
210 Não é mais que o menino armado de carcás.

MARTE

Covarde!

JÚPITER

Deixa, ó filho, este ingrato!

CUPIDO

Adeus.⁷⁸

⁷⁶ O alfenim] Alfenim – em TJRF2003 e em OCA2015.

⁷⁷ *toilette*,] toailete, – em OCA2015.

⁷⁸ Adeus.] Adeus! – em TWMJ1952.

JÚPITER

Parte.⁷⁹

Adeus!

CUPIDO

Adeus, Vulcano; adeus, Jove; adeus, Marte!⁸⁰

⁷⁹ Parte.] Parte! – em TWMF1952.

⁸⁰ Em TCSNT1982 e em TJRF2003, as palavras desta linha começam na margem esquerda, alinhadas com a palavra “Adeus!”, da fala anterior de Júpiter.

CENA V

VULCANO, JÚPITER, MARTE.

MARTE

Perdeu-se este rapaz...

VULCANO

Decerto, está perdido!

MARTE, *a Júpiter.*

215 Júpiter, quem dissera! O doce e fiel Cupido
Veio a tornar-se enfim um homem tolo e vão!

VULCANO, *irônico.*

E contudo é teu filho...

MARTE, *com desânimo.*

É meu filho, ó Plutão!

JÚPITER, *a Vulcano.*

Alguém chega. Vai ver.

VULCANO

É Apolo e Proteu.

CENA VI

OS MESMOS, APOLO, PROTEU.

APOLO

Bom dia!

MARTE

Onde deixaste o Pégaso?

APOLO

Quem? eu?

220 Não sabeis? Ora⁸¹ ouvi a história do animal.
Do que nos acontece⁸² é o mais fenomenal.
Aí vai o caso...

VULCANO

Aposto um raio contra um verso
Que o Pégaso fugiu.

APOLO

Não, senhor; foi diverso
O caso. Ontem à tarde andava eu cavalgando;
Pégaso, como sempre, ia caracolando,
225 E sacudindo a cauda, e levantando as crinas,
Como se recebesse inspirações divinas.
Quase ao cabo da rua um tumulto se dava;
Uma chusma de gente andava e desandava.
O que era não sei eu.⁸³ Parei. O imenso povo,
230 Como se o assombrasse um caso estranho e novo,
Recuava. Quis fugir, não pude. O meu cavalo⁸⁴
Sente naquele instante um horrível abalo;
E para repelir a turba que o molesta,
Levanta o largo pé, fere a um homem na testa.
235 Da ferida saiu muito sangue e um soneto.
Muita gente acudiu. Mas, conhecido o objeto
Da nova confusão, deu-se nova assuada. →

⁸¹ Ora] Ora, – em TWMJ1952, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁸² Do que nos acontece] Do que acontece – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. Sem o pronome “nos”, o verso fica com dez sílabas.

⁸³ não sei eu.] não sei. – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁸⁴ cavalo] cavalo. – em TMA1910.

Rodeava-me então uma rapaziada,
Que ao Pégaso beijando os pés, a cauda e as crinas,
240 Pedia-lhe cantando inspirações divinas.
E cantava, e dizia (erma já de miolo):
“Achamos, aqui está! é este o nosso Apolo!”
Compelido a deixar o Pégaso, desci;
E por não disputar,⁸⁵ lá os deixei – fugi.
245 Mas, já hoje encontrei, em letras garrafais,
Muita ode, e soneto, e oitava nos jornais!

JÚPITER

Mais um!

APOLO

A história é esta.

MARTE

Embora! – Outra desgraça.⁸⁶
Era de lamentar. Esta não.

APOLO

Que chalaça!
Não passa de um corcel...

PROTEU

E já um tanto velho.

APOLO

250 É verdade.

JÚPITER

Está bem!

PROTEU, *a Júpiter*.⁸⁷

A que horas o conselho?

⁸⁵ disputar,] disputar – em TMA1910.

⁸⁶ desgraça.] desgraça – em TMA1910 e em TWMJ1952.

⁸⁷ *Júpiter*.] *Júpiter* – em TMA1910.

JÚPITER

É à hora em que a lua apontar no horizonte,
E o leão de Nemeia, erguendo a larga fronte,
Resplender⁸⁸ no azul.

PROTEU

A senha é a mesma?

JÚPITER

“Harpócrates,⁸⁹ Minerva – o silêncio, a razão.” Não:

APOLO

255 Muito bem.

JÚPITER

Mas Proteu de senha não carece;
De aspecto e de feições muda, se lhe parece.
Basta vir...

PROTEU

Como um corvo.

MARTE

Um corvo.⁹⁰

PROTEU

Há quatro dias,
Graças ao meu talento e às minhas tropelias,
Iludi meio mundo. Em corvo transformado,
260 Deixei um grupo imenso absorto, embasbacado.
Vasto queijo pendia ao meu bico sinistro.
Dizem que eu era então a imagem de um ministro.
Seria por ser corvo,⁹¹ ou por trazer um queijo?
Foi uma e outra cousa, ouvi dizer.

⁸⁸ Resplender] Resplandecer – em TMA1910, em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

⁸⁹ Harpócrates,] harpocrates, – em TCSNT1982.

⁹⁰ Um corvo.] Um corvo – em DC1866 e em TMA1910.

⁹¹ corvo,] corvo – em TMA1910 e em TWMJ1952.

JÚPITER

265 Não é de narrações, é de obras. Vou sair.
Sabem a senha e a hora. Adeus.

(*Sai.*)⁹²

VULCANO

Vou concluir
Um negócio.

MARTE

Um negócio?

VULCANO

É verdade.

MARTE

Mas qual?

VULCANO

Um⁹³ projeto de ataque.

MARTE

Eu tenho um.⁹⁴

VULCANO

É igual
O meu projeto ao teu, mas é completo.

MARTE

Bem.

VULCANO

270 Adeus, adeus.

⁹² Observe-se que, com a saída de Júpiter, muda o número de personagens em cena. O autor, entretanto, não indicou mudança de cena.

⁹³ Um] m – em TMA1910 (com o espaço do “U” inicial preservado).

⁹⁴ Eu tenho um.] Eu vou contigo. – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. A provável causa do erro é a fala de PROTEU, pouco abaixo (que foi copiada aqui).

PROTEU

Eu vou contigo.

*(Saem Vulcano e Proteu.)*⁹⁵

⁹⁵ *(Saem Vulcano e Proteu.)*] *Saem Vulcano e Proteu.* – em TWMJ1952. Esta edição, em geral, não traz ponto-final nas indicações cênicas. Neste caso, talvez a pontuação se deva ao fato de vir em final de cena.

CENA VII

MARTE, APOLO.⁹⁶

APOLO

O caso tem
Suas complicações, ó Marte! Não me esfria
A força que me dava o néctar e a ambrosia.
No cimo da fortuna ou no chão da desgraça,
Um deus é sempre um deus. Mas, na hora que passa,
275 Sinto que o nosso esforço é baldado,⁹⁷ e imagino
Que ainda não bateu a hora do destino.
Que dizes?⁹⁸

MARTE

Tenho ainda a maior esperança.
Confio em mim, em ti, em vós todos. Alcança
Quem tem força, e vontade, e ânimo robusto.
280 Espera. Dentro em pouco o templo grande e augusto
Se abrirá para nós.

APOLO

Enfim...

MARTE

A divindade
A poucos caberá, e aquela infinidade
De numes desleais há de fundir-se em nós.

APOLO

285 Oh! que o destino te ouça a animadora voz!
Quanto a mim...

MARTE

Quanto a ti?

APOLO

Vejo ir-se dispersado
Dos poetas o rebanho, o meu rebanho amado! →

⁹⁶ APOLO.] APOLO – em TMA1910.

⁹⁷ baldado,] baldado – em TMA1910 e em TWMJ1952.

⁹⁸ Em OCA2015, estas palavras vêm na mesma linha do verso anterior.

Já poetas não são, são homens: carne e osso.
Tomaram neste tempo um ar burguês e ensosso.⁹⁹
Depois, surgiu agora um inimigo sério,
290 Um déspota, um tirano, um López, um Tibério:
O álbum! Sabes tu o que é o álbum? Ouve,
E dize-me se, como este, um bárbaro já houve.
Traja couro da Rússia, ou sândalo, ou veludo;
Tem um ar de sossego e de inocência:¹⁰⁰ é mudo.
295 Se o vires, cuidarás ver um cordeiro manso,
À sombra de uma faia, em plácido remanso.
A faia existe,¹⁰¹ e chega a sorrir... Estas faias
São copadas também, não têm folhas, têm saias.
O poeta estremece e sente um calafrio;
300 Mas o álbum lá está, mudo, tranquilo e frio.
Quer fugir, já não pode: o álbum soberano
Tem sede de poesia, é o minotauro. Insano
Quem buscar combater a triste lei comum!
O álbum há de engolir os poetas um por um.
305 Ah! meus tempos de Homero!

MARTE

A reforma há de vir
Quando o Olimpo outra vez em nossas mãos cair.
Espera!

⁹⁹ ensosso.] inosso. – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão *on-line*) traz a forma “ensosso”.

¹⁰⁰ inocência:] inocência; – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹⁰¹ existe,] existe – em TMA1910, em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

CENA VIII

OS MESMOS, CUPIDO.

CUPIDO

Tio Apolo, é engano de meu pai.¹⁰²

APOLO

Cupido!¹⁰³

MARTE

Tu aqui, meu velhaco?

CUPIDO

Escutai!¹⁰⁴

310 Cometeis uma empresa absurda. A humanidade
Já não quer aceitar a vossa divindade.
O bom tempo passou. Tentar vencer hoje, é,
Como agora se diz, remar contra a maré.
Perdeis o tempo.

MARTE

Cala a boca!

CUPIDO

315 Não! não! não!
Estou disposto a enforcar essa última ilusão.
Sabeis que sou o amor...

APOLO

Foste.

MARTE

És o amor perdido.

¹⁰² Em TJRF2003, essas palavras de Cupido vêm alinhadas na margem esquerda. Elas devem vir um pouco adiante, porque antes delas, no mesmo verso, vem a palavra “Espera!”, dita por Marte no final da cena anterior.

¹⁰³ Em TJRF2003, o nome “Cupido!” vem deslocado para a direita, quando deveria vir alinhado na margem esquerda, porque ele inicia um novo verso.

¹⁰⁴ Escutai:] Escutai; – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

APOLO, *batendo no ombro de Cupido.*
Meu caro, é inútil.¹⁰⁸

MARTE

O farfante
Cuida que ainda é o mesmo.

CUPIDO

Está bem.

APOLO

Vai-te embora.¹⁰⁹

330 É conselho de amigo.

CUPIDO, *senta-se.*

Ah! eu fico!

APOLO

Esta agora!

Que pretendes fazer?

CUPIDO

Ensinar-vos, meu tio.

APOLO

Ensinar-nos a nós? Por Júpiter, eu rio!

CUPIDO

Ouves, meu tio, um som, um farfalhar de seda?
Vai ver.

APOLO, *indo ver.*

335 Quem é?
É uma mulher. Lá vai pela alameda.

CUPIDO

Juno, a mulher de Júpiter, teu pai.

¹⁰⁸ Em TCSNT1982 e em TJRF2003, essas palavras de Apolo vêm alinhadas na margem esquerda. Elas devem vir um pouco adiante, porque, antes delas, no mesmo verso, vêm estas: “É inútil.” – ditas por Marte no final da fala precedente.

¹⁰⁹ Vai-te embora.] Vai-te embora! – em TWMJ1952.

APOLO

Deveras? É verdade! olha, Marte, lá vai,¹¹⁰
Não conheci.

CUPIDO

É bela ainda, como outrora,
Bela, e altiva, e grave, e augusta, e senhora.

APOLO, *voltando a si.*

Ah! mas eu não arrisco a minha divindade...

(*A Marte.*)

340 Olha o espertalhão!... Que tens?

MARTE, *absorto.*

Nada.

CUPIDO

Ó vaidade!
Humana embora, Juno é ainda divina.

APOLO

Que nome usa ela agora?

CUPIDO

Um mais belo: Corina!

APOLO

Marte, sinto... não sei...

MARTE

Eu também.

APOLO

Vou sair.

MARTE

Também eu.

¹¹⁰ olha, Marte, lá vai,] Olha, Marte, lá vai; – em TWMJ1952.

CUPIDO

Também tu?

MARTE

Sim, quero ver... quero ir

345 Tomar um pouco de ar...

APOLO

Vamos dar um passeio.

MARTE

Ficas?

CUPIDO

Quero ficar, porém, não sei... receio...

MARTE

Fica, já foste um deus, nunca és importuno.

CUPIDO

É deveras assim? Mas...

MARTE

Ah Vênus!¹¹¹

APOLO

Ah Juno!¹¹²

¹¹¹ Ah Vênus!] Ah! Vênus! – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹¹² Ah Juno!] Ah! Juno! – em TJRF2003 e em OCA2015.

CENA IX

CUPIDO, MERCÚRIO.¹¹³

CUPIDO, *só*.

350 Baleados! Agora os outros. É preciso,
Graças à voz do amor, dar-lhes algum juízo.
Singular exceção! Muitas vezes o amor
Tira o juízo que há... Quem é? Sinto rumor...
Ah! Mercúrio!

MERCÚRIO

355 Sou eu! E tu? É certo acaso
Que tenhas cometido o mais triste desazo?¹¹⁴
Ouvi dizer...

CUPIDO, *em tom lastimoso*.

É certo.

MERCÚRIO

Ah¹¹⁵ covarde!

CUPIDO, *o mesmo*.

Isso! isso!¹¹⁶

MERCÚRIO

És homem?

CUPIDO

Sou o amor, sou, e ainda enfeitiço,
Como dantes.

MERCÚRIO¹¹⁷

Não és dos nossos. Vai-te.¹¹⁸

¹¹³ MERCÚRIO.] MERCÚRIO – em TMA1910.

¹¹⁴ desazo?] desazo – em TMA1910.

¹¹⁵ Ah] Ah! – em TJRF2003 e em OCA2015.

¹¹⁶ isso!] Isso! – em TWMJ1952.

¹¹⁷ MERCÚRIO] MARTE – em DC1866, em TMA1910 e em TCSNT1982. Marte não está em cena; corrigimos o erro. TWMJ1952, TJRF2003 e OCA20015 também corrigiram.

¹¹⁸ Vai-te.] Vai-te! – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

CUPIDO

Não!

Vou fazer-te, meu tio, uma observação.

MERCÚRIO

Vejamos.

CUPIDO

Quando o Olimpo era nosso...

MERCÚRIO

Ah!

CUPIDO

Havia

360 Hebe, que nos matava, e a Júpiter servia.
Poucas vezes a viste. As funções de correio
Demoravam-te fora. Ah que olhos! ah que seio!
Ah que fronte! ah...

MERCÚRIO

Então?

CUPIDO

Hebe tornou-se humana.

MERCÚRIO, *com desprezo.*

Como tu.

CUPIDO

365 Ah quem dera! A terra alegre e ufana
Entre as belas mortais deu-lhe um lugar distinto.

MERCÚRIO

Deveras!

CUPIDO, *consigo.*

Baleado!

MERCÚRIO, *consigo.*

Ah! não sei... mas que sinto?

CUPIDO

Mercúrio, adeus!

MERCÚRIO

Vem cá.¹¹⁹ Hebe onde está?

CUPIDO

Não sei,¹²⁰

Adeus. Fujo ao conselho.

MERCÚRIO, *absorto*.

Ao conselho?

CUPIDO

Farei

370 Por não atrapalhar as vossas decisões.¹²¹
Conspirai! conspirai!¹²²

MERCÚRIO

Não sei... Que pulsações!

Que tremor! que tonteira!

CUPIDO

Adeus! Ficas?

MERCÚRIO

Quem? eu?

Hebe?

CUPIDO, *à parte*.

Falta-me Jove, e Vulcano, e Proteu.

¹¹⁹ Vem cá.] Vem cá! – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹²⁰ Não sei.] Não sei. – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TRF2003 e em OCA2015.

¹²¹ Farei / Por não atrapalhar as vossas decisões.] Farei por não atrapalhar as vossas decisões. – em OCA2015.

¹²² conspirai!] Conspirai! – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TRF2003 e em OCA2015.

CENA X

MERCÚRIO, *depois* MARTE, APOLO.

MERCÚRIO, *só*.¹²³

Eu doente? de quê? É singular!

(*Indo ao vinho.*)¹²⁴

Um gole!

Não há vinho nenhum que uma dor não console.

(*Bebe silencioso.*)¹²⁵

375 Hebe tornou-se humana!

MARTE, *a Apolo*.¹²⁶

É Mercúrio.

APOLO, *a Marte*.

Medita!

Em que será?

MARTE

Não sei.

MERCÚRIO, *sem vê-los*.

Oh! como me palpita

O coração!

APOLO, *a Mercúrio*.

Que é isso?

MERCÚRIO

Ah! não sei... divagava...

Como custa a passar o tempo! Eu precisava

De sair¹²⁷ e não sei... Jove não voltará?

¹²³ MERCÚRIO, *só*.] MERCÚRIO *só*. – em DC1866 e em TMA1910.

¹²⁴ (*Indo ao vinho.*)] (*Indo ao vinho*) – em DC1866 e em TMA1910.

¹²⁵ (*Bebe silencioso.*)] (*Bebe silencioso:*) – em DC1866; (*Bebe silencioso*) – em TMA1910.

¹²⁶ MARTE, *a Apolo*.] MARTE, *a Apolo* – em DC1866.

¹²⁷ De sair] De sair, – em TWMJ1952.

MARTE

380 Por que não? Há de vir.

APOLO, *consigo*.¹²⁸

Ó céus! o que terá?¹²⁹

(*Silêncio profundo*.)¹³⁰

Estou disposto!

MARTE

Estou disposto!

MERCÚRIO

Estou disposto!

¹²⁸ APOLO, *consigo*.] APOLO *consigo* – em DC1866 e em TMA1910.

¹²⁹ Ó céus! o que terá?] Que é isso? – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. A causa do erro é fácil de compreender: repete-se aqui a fala anterior a esta, do mesmo APOLO. Com este erro, o segundo hemistíquio do verso não tem as seis sílabas necessárias. Em TJRF2003, as palavras vêm embaixo da fala anterior, de MARTE.

¹³⁰ (*Silêncio profundo*.)] (*Silêncio profundo*) – em DC1866 e em TMA1910.

CENA XI

OS MESMOS, JÚPITER.

JÚPITER

Meus filhos, boa nova!

*(Os três voltam a cara.)*¹³¹

Então? voltais-me o rosto?

MERCÚRIO

Nós, meu pai?

APOLO

Eu, meu pai?

MARTE

Eu não...

JÚPITER

Vós todos, sim!¹³²

385 Ah! fraqueais talvez! Um espírito ruim
Penetrou entre nós, e a todos vós tentando
Da vanguarda do céu vos anda separando.

MARTE

Oh! não, porém...

JÚPITER

Porém?

MARTE

Eu falarei mais claro

No conselho.

JÚPITER

Ah! E tu?

¹³¹ *(Os três voltam a cara.)*] *(Os três voltam a cara)* – em DC1866 e em TMA1910.

¹³² Em TJRF2003, estas palavras de JÚPITER vêm mais à esquerda, começando na linha vertical que passa entre a letra “J” e a letra “U” de “Júpiter”.

APOLO

Eu o mesmo declaro.

JÚPITER, *a Mercúrio*.¹³³

Tua declaração?

MERCÚRIO

É do mesmo teor.

JÚPITER

390 Ó trezentos de 'Sparta!¹³⁴ Ó tempos de valor!
Eram homens contudo...

APOLO

Isso mesmo: é humano.

Era a força do persa e a força do 'spartano.¹³⁵
Eram homens de um lado,¹³⁶ e homens do outro lado;
A terra sob os pés; o conflito igualado.

395 Agora o caso é outro. Os deuses demitidos
Buscam reconquistar os domínios perdidos.
Há deuses do outro lado? Há homens. Neste caso
Não teremos a luta em campo aberto e raso.

JÚPITER

Assim, pois?

APOLO

400 Assim, pois, já que os homens não podem
Aos deuses elevar-se, os deuses se acomodem.¹³⁷
Sejam homens também.

MARTE

Apoiado!

MERCÚRIO

Apoiado!

¹³³ JÚPITER, *a Mercúrio*.] JÚPITER *a Mercúrio*. – em DC1866 e em TMA1910.

¹³⁴ 'Sparta!] Sparta! – em DC1866 e em TMA1910; Esparta! – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹³⁵ 'spartano.] spartano. – em DC1866 e em TMA1910; espartano. – em TWMJ1952, em TCSNT1982 e em TJRF2003 e em OCA2015.

¹³⁶ lado,] lado – em TMA1910 e em TWMJ1952.

¹³⁷ acomodem.] acomodem – em TMA1910 e em TWMJ1952.

JÚPITER

Durmo ou velo? Que ouvi!¹³⁸

MARTE

O caso é desgraçado.
Mas a verdade é esta, esta e não outra.

JÚPITER

Assim

Desmantela-se o Olimpo!

MERCÚRIO

Espírito ruim

405 Não há, nem há fraqueza, ou triste covardia.
Há desejo real de concluir um dia
Esta luta cruel, estéril, sem proveito.
Deste real desejo, é este, ó pai, o efeito.

JÚPITER

Estou perdido!

¹³⁸ Que ouvi!] Que ouvi? – em TWMJ1952.

CENA XII

OS MESMOS, VULCANO, PROTEU.¹³⁹

JÚPITER

Ah! vinde, ó Vulcano, ó Proteu!

410 Estes três já não são nossos.

VULCANO

Nem eu.¹⁴⁰

PROTEU

Nem eu.¹⁴¹

JÚPITER

Também vós?

PROTEU

Também nós!

JÚPITER

Recuais?

VULCANO

Recuamos.

Com os homens, enfim, nos reconciliamos.¹⁴²

JÚPITER

Fico eu só?

MARTE

Não, meu pai. Segue o geral exemplo.

É inútil resistir; o velho e antigo templo

415 Para sempre caiu, não se levanta mais.

Desçamos a tomar lugar entre os mortais. →

¹³⁹ PROTEU.] PROTEU – em TMA1910. MERCÚRIO, que não consta dessa rubrica inicial, também aparece e fala nesta cena (entra no final).

¹⁴⁰ Nem eu.] Nem eu! – em TWMJ1952.

¹⁴¹ Nem eu.] Nem eu! – em TWMJ1952.

¹⁴² reconciliamos.] reconciliamos – em DC1866 e em TMA1910.

É nobre: um deus que despe a auréola divina.
Sê homem!

JÚPITER

Não! não! não!

APOLO

O tempo nos ensina
Que devemos ceder.

JÚPITER

Pois sim, mas tu, mas vós,
420 Eu não. Guardarei só num¹⁴³ século feroz
A honra da divindade e o nosso lustre antigo,¹⁴⁴
Embora sem amparo, embora sem abrigo.

(*A Apolo, com sarcasmo.*)¹⁴⁵

Tu, Apolo, vás¹⁴⁶ ser pastor do rei Admeto?
Imolas ao cajado a glória do soneto?
425 Que honra!

APOLO

Não, meu pai, sou o rei da poesia.¹⁴⁷
Devo ter um lugar no mundo, em harmonia
Com este que ocupei no nosso antigo mundo.
O meu ar sobranceiro, o meu olhar profundo,
A feroz gravidade e a distinção perfeita,
430 Nada, meu caro pai, ao vulgo se sujeita.
Quero um lugar distinto, alto, acatado e sério.
Coa pena da verdade e a tinta do critério
Darei as leis do belo e do gosto. Serei
O supremo juiz, o crítico.

¹⁴³ num] um – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹⁴⁴ antigo,] antigo. – em TMA1910 e em TWMJ1952.

¹⁴⁵ (*A Apolo, com sarcasmo.*)] (*A Apolo, com sarcasmo*) – em DC1866 e em TMA1910.

¹⁴⁶ vás] vais – em TMA1910, em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. “Vás” é forma antiga de “vais”. (Cf. DIAS, Augusto Epifânio da Silva, 1972, p. 70, nota à estrofe 4 do canto II de *Os Lusíadas*). Machado de Assis usou mais de uma vez essa forma. Exemplos: na crônica n. 107 da série “A semana”, publicada em 17 de junho de 1894 na *Gazeta de Notícias (Machadiana Eletrônica, v. 1, n. 2, p. 155-159, jul.-dez. 2018)*, e em poemas, como “Niâni”, parte III (*Poesias completas, 1901, p. 207-209*), e “Última jornada” (*Poesias completas, 1901, p. 277-282*).

¹⁴⁷ poesia.] poesia – em DC1866 e em TMA1910.

JÚPITER

Não sei
435 Se lava o novo ofício a volta de infiel...

APOLO

Lava.

JÚPITER

E tu, Marte?

MARTE

Eu cedo à guerra de papel.
Sou o mesmo; somente o meu valor antigo
Mudou de aplicação. Corro ainda ao perigo,
Mas não já com a espada:¹⁴⁸ a pena é minha escolha.
440 Em vez de usar broquel, vou fundar uma folha.
Dividirei a espada em leves estiletos,
Com eles abrirei campanha¹⁴⁹ aos gabinetes.
Moral, religião, política, poesia,
De tudo falarei com alma e bizzarria.
445 Perdoa-me, ó papel, os meus erros de outrora,
Tarde os reconheci, mas abraço-te agora!
Cumpre-me ser, meu pai, de coração fiel,
Cidadão do papel, no tempo do papel.

JÚPITER

E contudo, inda há pouco, o contrário dizias,
450 E zombavas então destas papelarias...

MARTE

Mudei de opinião...

JÚPITER, *a Vulcano*.¹⁵⁰

E tu, ó deus das lavas,
Tu, que o raio divino outrora fabricavas,¹⁵¹
Que irás tu fabricar?

¹⁴⁸ espada:] espada; – em TWMJ1952.

¹⁴⁹ campanha] campanhas – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015. Com a palavra no plural, o verso fica com treze sílabas.

¹⁵⁰ JÚPITER, *a Vulcano*.] JÚPITER *a Vulcano*. – em DC1866; JÚPITER *a Vulcano* – em TMA1910.

¹⁵¹ fabricavas,] fabricavas. – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

VULCANO

Inda há pouco o dizia
Quando Marte do tempo a pintura fazia:¹⁵²
455 Se o valor deste tempo é de peso ou de almaço,
Mudo de profissão, vou fazer penas de aço.
Hei de servir alguém, aqui ou em qualquer parte,
Ou a ti ou a outro, ou a Jove ou a Marte.
Os raios que eu fazia, em penas transformados,
460 Como eles hão de ser ferinos e aguçados.
A questão é de forma.

MARTE, *a Vulcano*.¹⁵³

Obrigado.

JÚPITER

Proteu,
Não te dignas dizer o que farás?

PROTEU

Quem? eu?¹⁵⁴
Farei o que puder; e creio que me é dado
Fazer muito: o caso é que eu seja utilizado.
465 O dom de transformar-me, à vontade, a meu gosto
Torna-me neste mundo um singular composto.
Vou ter segura a vida e o futuro. O talento
Está em não mostrar a mesma cara ao vento.
Vermelho de manhã, sou de tarde amarelo;¹⁵⁵
470 Se convier, sou bigorna, e se não,¹⁵⁶ sou martelo.
Já se vê, sem mudar de nome. Neste mundo
A forma é essencial, vale de pouco o fundo.
Vai o tempo chuvoso? Envergo um casacão.
Volta o sol? Tomo logo a roupa de verão.
475 Quem subiu? Pedro e Paulo. Ah! que grandes talentos!
Que glórias nacionais! que famosos portentos!
O país ia à garra¹⁵⁷ e por triste caminho,
Se inda fosse o poder de Sancho ou de Martinho.¹⁵⁸ →

¹⁵² fazia:] fazia. – em TMA1910 e em TWMJ1952.

¹⁵³ MARTE, *a Vulcano*.] MARTE *a Vulcano*. – em DC1866; MARTE *a Vulcano* – em TMA 1910.

¹⁵⁴ eu?] Eu? – em OCA2015.

¹⁵⁵ amarelo:] amarelo. – em TMA1910 e em TWMJ1952.

¹⁵⁶ se não,] senão, – em DC1866, em TMA1910 e em TCSNT1982.

¹⁵⁷ Ir à garra: “(embarcação). Perder a amarra. Perder-se qualquer coisa.” (NASCENTES, 1966, p. 140)

¹⁵⁸ Martinho.] Martinho, – em TMA1910 e em TWMJ1952.

480 Mas se a cena mudar, tão contente e tão ancho,
Dou vivas a Martinho, e dou vivas a Sancho!
Aprendi, ó meu pai, estas cousas, e juro
Que vou ter grande e belo um nome no futuro.¹⁵⁹
Não há revoluções, não há poder humano
Que me façam cair...

(*Com ênfase.*)¹⁶⁰

485 O povo é soberano.
A pátria tem direito ao nosso sacrifício.
Vê-la sem este jus... mil vezes o suplício!

(*Voltando ao natural.*)¹⁶¹

Deste modo, meu pai, mudando a fala e a cara,
Sou na essência Proteu, na forma Dulcamara...
De tão bom proceder tenho as lições diurnas.
490 Boa tarde!

JÚPITER

Onde vás?¹⁶²

PROTEU

Levar meu nome às urnas!

JÚPITER, *reparando.*¹⁶³

(*A todos.*)¹⁶⁴

Vêm cá. Ouvi agora... Ah! Mercúrio...¹⁶⁵

MERCÚRIO

Eu receio

Perder estas funções que exerço de correio...
Mas...

¹⁵⁹ futuro.] futuro – em TMA1910.

¹⁶⁰ (*Com ênfase.*)] (*com ênfase*) – em DC1866 e em TMA1910.

¹⁶¹ (*Voltando ao natural.*)] (*voltando ao natural*) – em DC1866 e em TMA1910.

¹⁶² Onde vás?] Onde vais? – em TMA1910, em TWMJ1952, em TCSNT1982 e em TJRF2003; Aonde vais? – em OCA2015. Machado de Assis, como muitos bons escritores, não distingue “aonde”, que exprime ideia de movimento, de “onde”, que exprime quietação – essa distinção é tendência no estado atual da língua. Cf. MACHADO FILHO, p. 679-685). Para “vás”, ver nota 146.

¹⁶³ JÚPITER, *reparando.*] JÚPITER, *reparando* – em TMA1910.

¹⁶⁴ (*A todos.*)] (*a todos*) – em DC1866, em TMA1910, e em TWMJ1952 (única passagem em que TWMJ1952 traz a indicação cênica entre parênteses).

¹⁶⁵ Vêm cá.] Vem cá. – em DC1866, em TMA1910 e em TWMJ1952; Vem vá. – em TCSNT1982. Esta fala de Júpiter soa ambígua. Nós a entendemos assim: Júpiter, “reparando”, percebe que alguém está chegando e dirige sua fala “a todos”: “Vêm cá. (= está vindo gente; não se sabe ainda quem, de modo que a concordância é feita no plural) Ouvi agora... (= acabei de ouvir) Ah! Mercúrio... (é Mercúrio, que entra em cena).

CENA XIII

OS MESMOS, CUPIDO.

CUPIDO

Cupido aparece e resolve a questão.
Ficas ao meu serviço.

JÚPITER

Ah!

MERCÚRIO

Em que condição?

CUPIDO

495 Eu sou o amor, tu és correio.

MERCÚRIO

Não, senhor.

Sabes o que é andar ao serviço de amor,
Sentir junto à beleza a paixão da beleza,
O peito sufocado, a fantasia acesa,
E as vozes transmitir do amante à sua amada,
500 Como um correio, um eco, um sobrescrito, um nada?
Foste um deus como eu fui, como eu, nem mais nem menos.
Homens, somos iguais. Um dia, Marte e Vênus,
A quem Vulcano armara uma rede, apanhados
Nos desmaios do amor, se foram libertados,
505 Se puderam fugir às garras do marido,
Foi graças à destreza, ao tino conhecido,
Do ligeiro Mercúrio. Ah que serviço aquele!
Sem mim quem te quisera, ó Marte, estar na pele!
Chega a hora; venceu-se a letra. És meu amigo.
510 Salva-me agora tu, e leva-me contigo.

MARTE

Vem comigo; entrarás na política escura.
Proteu há de arranjar-te uma candidatura.
Falarei na gazeta aos graves eleitores,
E direi quem tu és, quem foram teus maiores.
515 Confia e vencerás. Que vitória e que festa! →

Da tua vida nova a política... é esta:
Da rua ao gabinete, e do paço ao tugúrio,
Farás o teu papel, o papel de Mercúrio;
O segredo ouvirás sem guardar o segredo.
520 A escola mais rendosa é a escola do enredo.

MERCÚRIO¹⁶⁶

Sou o deus da eloquência: o emprego é adequado.
Verás como hei de ser na intriga e no recado.
Aceito a posição e as promessas...

CUPIDO

Agora,
525 Que a tua grande estrela, erma no céu, descora,
Que pretendes fazer, ó Júpiter divino?

JÚPITER

Tiro desta derrota o necessário ensino.
Fico só, lutarei sozinho e eternamente.

CUPIDO

Contra os tempos, e só, lutas inutilmente.
530 Melhor fora ceder e acompanhar os mais,
Ocupando um lugar na linha dos mortais.

JÚPITER

Ah! se um dia vencer, contra todos e tudo,
Hei de ser lá do Olimpo¹⁶⁷ um Júpiter sanhudo!

CUPIDO

Contra a suprema raiva e a cólera maior
Põe água na fervura uma dose de amor.
535 Não te lembras? Outrora, em touro transformado,
Não fizeste de Europa o rapto celebrado?
Em te dando a veneta, em cisne te fazias.
Tinhas um novo amor? Chuva de ouro caías...

JÚPITER, *mais terno*.

Ah! bom tempo!¹⁶⁸

¹⁶⁶ MERCÚRIO] JÚPITER – em OCA2015.

¹⁶⁷ Hei de ser lá do Olimpo] Hei de lá do Olimpo – em DC1866, em TMA1910; Hei de lá no Olimpo – em TCSNT1982; Hei de ser lá no Olimpo – em TJRF2003 e em OCA2015.

¹⁶⁸ Ah! bom tempo!] Ah! Bom tempo! – em TWMJ1952.

CUPIDO

E contudo à flama soberana

540 Uma deusa escapou, entre outras – foi Diana.

JÚPITER

Diana!

CUPIDO

Sim, Diana, a esbelta caçadora;¹⁶⁹
Uma só vez deixou que a flama assoladora
O peito lhe queimasse – e foi Endimião
Que o segredo lhe achou do feroz coração.

JÚPITER

545 Ainda caça, talvez?

CUPIDO

Caça, mas não veados:
Os novos animais chamam-se namorados.

JÚPITER

É formosa? É ligeira?

CUPIDO

É ligeira, é formosa!
É a beleza em flor, doce e misteriosa;
Deusa, sendo mortal, divina sendo humana.
550 Melhor que ela só Juno.

APOLO

Hein?... Ah Juno!¹⁷⁰

JÚPITER, *cismando*.¹⁷¹

Ah Diana!¹⁷²

¹⁶⁹ Sim, Diana, a esbelta caçadora;] Sim, Diana, a esbelta caçadora: – em TMA1910; Sim. Diana, a esbelta caçadora: – em TWMJ1952.

¹⁷⁰ Ah Juno!] Ah! Juno! – em TJRF2003 e em OCA2015.

¹⁷¹ JÚPITER, *cismando*.] JÚPITER / (*Cismado*.) – em TCSNT1982.

¹⁷² Ah Diana!] Ah Diana – em DC1866; Ah! Diana! – em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

MERCÚRIO

Cede, ó Jove. Não vês que te pedimos todos?
Neste mundo acharás por diferentes modos,
Belezas a vencer, vontades a quebrar,
– Toda a conjugação do grande verbo amar.
555 Sim, o mundo caminha, o mundo é progressista:
Mas não muda uma cousa: é sempre sensualista.
Não serás, por formar teu nobre senhorio,
Nem cisne ou chuva de ouro, e nem touro bravio.
Uma te encanta, e logo à tua voz divina
560 Sem mudar de feições, podes ser... crinolina.
De outra soube-te encher o namorado olhar:
Usa do teu poder, e manda-lhe um colar.
A Constança¹⁷³ uma luva, Ermelinda um colete,
Adelaide um chapéu, Luísa um bracelete.
565 E assim, sempre curvado à influência do amor,
Como outrora, serás Jove namorador!

CUPIDO, *batendo-lhe no ombro.*

Que pensas, meu avô?

JÚPITER

Escuta-me, Cupido.
Este mundo não é tão mau, nem tão perdido,
Como dizem alguns. Cuidas que a divindade
570 Não se desonrará passando à humanidade?

CUPIDO

Não me vês?

JÚPITER

É verdade. E, se todos passaram,
Muita cousa de bom nos homens encontraram.

CUPIDO

Nos homens, é verdade, e também nas mulheres.

JÚPITER

Ah! dize-me, inda são a fonte dos prazeres?

CUPIDO

575 São.

¹⁷³ Constança] Costança – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

JÚPITER, *absorto*.

Mulheres! Diana!

MARTE

Adeus, meu pai!

OS OUTROS

Adeus!

JÚPITER

Então já? Que é lá isso? Onde ides, filhos meus?

APOLO

Somos homens.

JÚPITER

Ah! sim...

CUPIDO, *aos outros*.

Baleado!

JÚPITER, *com um suspiro*.

Ide lá!

Adeus.

OS OUTROS, *menos Cupido*.

Adeus, meu pai.

(*Silêncio.*)

JÚPITER, *depois de refletir*.

Também sou homem.

TODOS

Ah!

JÚPITER, *decidido*.¹⁷⁴

580 Também sou homem, sou; vou convosco. O costume
Meio homem já me fez, já me fez meio nune. →

¹⁷⁴ JÚPITER, *decidido*.] JÚPITER, *decidido* – em TMA1910.

Serei homem completo, e fico ao vosso lado
Mostrando sobre a terra o Olimpo humanizado.

MERCÚRIO

Graças, meu pai!¹⁷⁵

CUPIDO

Venci!

MARTE, *a Júpiter.*

A tua profissão?

APOLO

585 Deve ser elevada e nobre, uma¹⁷⁶ função
Própria, digna de ti, como do Olimpo inteiro.
Qual será?

JÚPITER¹⁷⁷

Dize lá.

CUPIDO, *a Júpiter.*

Pensa!

JÚPITER, *depois de refletir.*

Vou ser banqueiro!

*(Fazem alas. O Epílogo atravessa do fundo e vem ao
proscênio.)*

EPÍLOGO¹⁷⁸

590 Boa noite. Sou eu, o Epílogo. Mudei¹⁷⁹
O nome. Abri a peça, a peça fecharei.
O autor, arrependido, oculto, envergonhado,
Manda pedir desculpa ao público ilustrado;
E jura, se cair desta vez, nunca mais →

¹⁷⁵ Graças, meu pai!] Graças. meu pai! – em OCA2015.

¹⁷⁶ uma] um – em DC1866.

¹⁷⁷ Não há indicação do personagem a quem Júpiter se dirige. Quem diz isso talvez seja MARTE; porém, como existe a possibilidade de Júpiter estar-se dirigindo a APOLO, que fizera uma ponderação à pergunta de MARTE, não alteramos.

¹⁷⁸ O “Epílogo”, graficamente, em todas as edições [DC1866, TMA1910, TWMJ1952, TCSNT1982, TJRF2003 e OCA2015], vem integrado à cena XIII – diferentemente do “Prólogo”, que antecede a cena I.

¹⁷⁹ Mudei] Mudei. – em DC1866 e em TCSNT1982.

Meter-se em lutas vãs de numes e mortais.
Pede ainda o poeta um reparo. O poeta
Não comunga per si¹⁸⁰ na palavra indiscreta
595 De Marte ou de Proteu, de Apolo ou de Cupido.
Cada qual fala aqui como¹⁸¹ um deus demitido;
É natural da inveja; e a ideia do autor
Não pode conformar-se a tão fundo rancor.
Sim, não pode; e, contudo, ama aos deuses, adora
600 Essas lindas ficções do¹⁸² bom tempo de outrora.
Inda os crê presidindo aos mistérios sombrios,
No recesso e no altar dos bosques e dos rios.
Às vezes cuida ver atravessando as salas,
A soberana Juno, a valorosa Palas;
605 A crença é que o arrasta, a crença é que o ilude
Neste reverdecer da eterna juventude.
Se o tempo sepultou Eros, Minerva,¹⁸³ e Marte,
Uma cousa os revive e os santifica: a arte.
Se a história os dispersou, se o Calvário os banuiu,
610 A arte, no mesmo amplexo, a todos reuniu.¹⁸⁴
De duas tradições a musa fez só uma:¹⁸⁵
David olhando em face a sibila de Cuma.¹⁸⁶

Se vos não desagrada o que se disse aqui,
Sexo amável, e tu, sexo forte, aplaudi.

FIM.¹⁸⁷

¹⁸⁰ per si] por si – em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015.

¹⁸¹ como] com – em DC1866.

¹⁸² do] de – em TCSNT1982.

¹⁸³ Minerva,] Minerva – em TMA1910 e em TWMJ1952.

¹⁸⁴ reuniu.] reuniu – em TMA1910.

¹⁸⁵ uma:] uma. – em TWMJ1952.

¹⁸⁶ Em TWMJ1952, em TCSNT1982, em TJRF2003 e em OCA2015, depois deste verso, não há espaço de separação de estrofes. O topônimo Cumas vem grafado “Cuma” pelo poeta – a palavra rima com “uma”.

¹⁸⁷ FIM.] FIM – em TMA1910. A palavra não vem em TWMJ1952. Em OCA2015 vem assim (sem o ponto-final): FIM DE *OS DEUSES DE CASACA*.

NOTA¹⁸⁸

O antepenúltimo verso que o Epílogo recita:

DAVID OLHANDO EM FACE A SIBILA DE CUMA,

é tradução de um verso, com que o marquês de Belloy fecha um dos seus belos sonetos:

EN REGARD DE DAVID LA SIBYLLE DE CUME,¹⁸⁹

o qual é paráfrase daquele hino da Igreja:

TESTE DAVID CUM SIBYLLA.

¹⁸⁸ Esta “NOTA” não vem em OCA2015.

¹⁸⁹ SIBYLLE DE CUME,] SYBILLE DE CUME, – em DC1866 e em TMA1910; *sibylle de Cume*, – em TCSNT1982 e em TJRF2003. O topônimo “Cumes” vem grafado “Cume”. O soneto do marquês de Belloy (Auguste Belloy, 1815-1871), sem título, vem na abertura da obra *Légendes fleuries*, e traz por epígrafe estas palavras “Teste David cum Sibylla.” Eis o soneto: “Héritiers des débris de l’édifice antique, / Elevons, s’il se peut, mais ne détruisons rien, / Et relions, d’un cœur filial et chrétien, / La grâce ionienne à la grandeur biblique. // Contre les vains assauts d’une école hérétique, / De la tradition que l’art soit le gardien; / Par d’aimables détours le beau conduit au bien, / Platon déjà pressent le dogme catholique. // En dépit de Calvin, l’austère factieux, / Gardons le feu sacré que Léon dix rallume, / Ne jetons pas au vent la cendre des aïeux, // Et sous les voûtes d’or que notre encens parfume, / Fils de la renaissance, offrons à tous les yeux / En regard de David, la sybille de Cume.” (Ver <https://data.bnf.fr/fr/15004509/auguste_de_belloy/>.)

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.
TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.
TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.
TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Os deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1866.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Teatro*. Coligido por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.
- ASSIS, Machado de. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.
- ASSIS, Machado de. *Teatro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.
- ASSIS, Machado de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1982.
- ASSIS, Machado de. A Semana – 107. Edição, apresentação e notas por John Gledson. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 155-159, jul.-dez. 2018.
- BELLOY, Le Marquis de. *Légendes fleuries*. Paris: Victor Lecou, 1855.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972. [Reprodução fac-similada da 2ª edição (em 2 tomos – 1916/1918).]
- CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Epístola a sua majestade a senhora imperatriz do Brasil d. Teresa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1856.
- CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Outono*: coleção de poesias. Lisboa: Imprensa Oficial, 1863.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*. Undécima edição. Paris: E. Belhatte, 1877.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2009.

EXPOSIÇÃO Machado de Assis: centenário do nascimento de Machado de Assis – 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.

GARRETT, Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, 1963. 2v.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Introdução de Afonso Arinos de Melo Franco. Ilustrações de Guignard. São Paulo: Martins, 1953.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Poesias; Cartas chilenas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Grande coleção da língua portuguesa*. São Paulo: Urupês, 1969. v. 2.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SCARRON, Paul. *Le Virgile travesti, en vers burlesques*. Nouvelle édition revue, anotée et précédée d'une étude sur le burlesque par Victor Fournel. Paris: Garnier Frères, s.d. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k207003f/f1.image>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

SILVA, Augusto Epifânio da Silva, ver CAMÕES, 1973.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2t.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOLTAIRE. *Oeuvres de theatre de M. de Voltaire*. Nouvelle Édition. Tome troisième. Paris: Veuve Duchesne, 1767.

Endereços eletrônicos

<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

https://data.bnf.fr/fr/15004509/auguste_de_belloy/